

TRANSCRIÇÃO

S18214J02 – MarcioRufino

17 de novembro de 2020

PARTICIPANTES

Vozes masculinas não identificadas: M

Vozes femininas não identificadas: F

Márcio Rufino

TEMPO DE GRAVAÇÃO

43 minutos e 42 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(INÍCIO)

[00:00:01]

Márcio Rufino: Bem, então, antes de tudo, boa tarde a todo mundo. Eu sou Márcio Rufino Silva, atualmente eu sou professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no campus de Seropédica. Eu sou graduado, mestre e doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo, e na Federal Rural do Rio de Janeiro eu atuo também com geografia, eu dou aula no curso de graduação de Geografia, Hotelaria, Relações Internacionais, e também eu atuo no programa de pós-graduação em Geografia da Federal Rural, que é uma universidade multicampi. Inclusive, o nosso programa lá trabalha em dois campi, o campus de Seropédica e o campus de Nova Iguaçu. Bem, então qual é a minha relação com o Butantã? Eu vou dizer que é uma relação que vem de uma vida, porque embora eu não tenha exatamente nascido no Butantã, na verdade eu

nasci na cidade de São Paulo, mas saí da maternidade e fui direto para Cotia, então eu sou cotiano, eu vivo em Cotia desde que eu nasci até os 27 anos, quando eu me mudei para o Butantã. E foi vivendo em Cotia que eu comecei a fazer toda a minha trajetória acadêmica, então eu começo a fazer a graduação em 2001, termino em 2005; 2006 eu ingresso no mestrado e eu vou fazer uma pesquisa sobre a Cidade Tiradentes, um bairro lá do extremo leste da cidade de São Paulo, e depois, a partir de 2007, oito, nove, eu ingresso no doutorado com o projeto...

F: Márcio, você reinicia a partir do doutorado, mas procura olhar mais para a câmera, está com o olhar muito para baixo.

Márcio Rufino: Então eu ingresso no doutorado em 2009 com um projeto ainda muito provisório sobre operação urbana. Na verdade, o meu interesse de pesquisa original era a operação urbana, só que naquele tempo, 2009, havia algumas operações urbanas que estavam mais ou menos sendo pensadas para São Paulo, a partir do Plano Diretor Estratégico de 2002 e a partir dos Planos Regionais Estratégicos, em 2004. Então eu tinha visto, por exemplo, a operação urbana Jaguaré-Vila Leopoldina; eu tinha visto uma outra operação urbana também, que eu me interessei um pouco de estudar, que seria a operação urbana Jacu-Rio Verde. Só que essas duas acabaram não me chamando tanto a atenção quanto a Butantã, por quê? O que aconteceu naquele tempo? Eu já estava morando no Butantã e eu também comecei a perceber que havia uma movimentação no Butantã quanto a essa operação urbana. A partir dessa minha pesquisa, conversando com algumas pessoas no início, eu fui chegando a algumas pessoas-chave, que foram me mostrando o que seria essa pesquisa. Uma delas foi a Lívia Fioravanti, que é uma companheira

minha de pesquisa, amiga, hoje, que inclusive também fez uma pesquisa no mestrado muito bacana sobre os movimentos em relação à operação urbana Vila Sônia, e uma outra foi a Marly de Barros, que também é uma amiga minha até hoje, que fez uma pesquisa de mestrado também sobre os movimentos em relação à operação urbana Vila Sônia. E, daquele momento em diante - isso foi mais ou menos em 2009, 2010 -, a gente começou a se encontrar e começou a fazer uma pesquisa juntos, porque tínhamos temas em comum a pesquisar. E foi a partir de aí que a gente começou a se envolver com as pessoas que estavam na luta contra a operação urbana. Na verdade, a partir de 2010, 2011, e aí eu fui buscando essas fontes, algumas pessoas-chave. Entrevistei, por exemplo, Carlos (Vang) [00:04:37], que era um morador antigo daquela região que a gente chama de Sítio Butantã, que fica muito próxima ao Portão Um da USP, da cidade universitária, e depois, a partir dele, fui chegando em outras pessoas também. Na verdade, eu comecei a conhecer essas pessoas a partir de um encontro que a gente participou, que foi promovido pelo Educandário Dom Duarte. Na verdade, foi nas dependências do Educandário Dom Duarte, isso lá em 2010, mais ou menos, e tinha também uma participação muito importante daquilo que se chamava, naquela época, de Movimento Nossa São Paulo, que pouco tempo depois mudou para Rede Nossa São Paulo, o nome. Ali eu comecei a mudar alguns paradigmas que eu tinha em relação à minha pesquisa e à forma de fazer pesquisa, por quê? Porque eu comecei a participar de reuniões mais ampliadas e que congregavam pessoas de vários setores diferentes, e por ser uma região que já me interessava desde muito tempo, porque acabei de dizer que eu sou de Cotia e sempre circulava pelo Butantã, a Raposo Tavares sempre foi, vamos dizer assim, quase que o meu DNA. É uma

rodovia que, para mim, tem uma importância muito grande e uma curiosidade que eu tive também desde criança de entender essa conexão entre Cotia, a Zona Oeste, atravessando o Rio Pinheiros e a cidade de São Paulo. Então aquilo, de alguma forma, chamava a minha atenção para entender aquela geografia e aquela história desse caminho. Então como o Educandário está no meio do caminho, aquilo foi me interessando também. Mas, enfim, só sei que a partir dessa reunião eu conheci muitas pessoas. Uma delas foi a Martha Pimenta, que eu já tinha ouvido falar, que eu recebi alguns e-mails de que a Rede Butantã estava se reunindo, mas eu não tinha contato pessoal com ela. Outra pessoa que eu conheci que foi muito importante para a minha pesquisa foi a Lia, da Vila Nova Esperança. Bem, a partir daquele encontro também que a Vila Nova Esperança começa também a ganhar alguma visibilidade. É engraçado que eu também tive esse contato com a Lia em outros momentos, depois, isso agora, mais recentemente, e ela me diz isso, que a partir daquele encontro, a partir do momento em que tanto eu, quanto Marly, quando Lívia, e outras pessoas também, começaram a frequentar a Vila Nova Esperança, começamos a ter contato também com as lutas daquela comunidade para se manter ali diante das ameaças da CDHU, do governo do estado, em retomar - na verdade, em pegar aquelas terras para transformar aquilo em um possível, provável conjunto habitacional ou condomínios de alto valor para as classes mais abastadas. Enfim, então foi isso. E uma outra frente da minha pesquisa foi a frente da reconstituição histórica do Butantã. Na verdade, essa frente se abre, pelo menos no meu doutorado, no primeiro capítulo, que na verdade foi o capítulo que eu construí para fazer a minha qualificação. Então em que termos eu escrevi esse histórico do Butantã? Uma das pessoas que eu entrevistei também,

que eu conhecia - aliás, eu fui pegando esses contatos a partir do material que eu tinha acesso aqui das bibliotecas da USP também e outros lugares, era um livro chamado Butantã e suas Veredas, que foi escrito pela Maria José Querido. Enfim, depois eu entrei em contato com ela, eu fui à casa dela, eu a entrevistei e eu vi que ela teve dificuldades enormes para fazer aquela pesquisa, e ela foi para o arquivo do município de São Paulo pegar algumas notícias de jornal, algumas outras informações, mas uma coisa que eu fui percebendo é que embora esta universidade esteja neste lugar há pelo menos uns 70 anos, mais ou menos, quando o campus da Universidade de São Paulo começa a ser construído - inclusive até coloquei isso na minha tese também, essas informações - não havia ainda um estudo, pelo menos eu não tive acesso naquele momento, não sei se a minha pesquisa foi suficiente ou não, à fontes mais organizadas em relação a esse histórico de formação territorial do Butantã. Então não havia isso, isso foi algo que me espantou, que eu fiquei: "Como pode isso?", eu achava que tinha tudo sobre o Butantã na USP. De fato, tinha muitos estudos, mas eram estudos muito fragmentados e sobre aspectos muito localizados, por exemplo, uma experiência de psicologia social em uma entidade X, uma experiência educacional em uma escola Y, a questão da saúde no outro campo. Então eram estudos que não estavam nesse campo que me interessava, que era o campo da produção do espaço. Então foi por esta razão que eu senti a necessidade de aprofundar algumas dessas questões que já estavam sendo colocadas tanto pela Maria José Querido, que, na verdade, não tem uma escolarização formal, ela não tem um nível superior, por exemplo, e ela fez uma pesquisa fantástica, dentro do material que ela tinha acesso, dentro da forma como ela conseguiu construir, e me possibilitou, inclusive, ter acesso a outras

fontes, então por isso que eu posso dizer que eu sou muito grato a essas pessoas com quem eu encontrei no meio do caminho e, eu, de fato, reconheço que essa tese, que essa pesquisa que eu fiz não é uma pesquisa que vem somente da minha cabeça, é algo que eu devo muito a essas pessoas que estiveram no meu caminho, que passaram por mim. Então foi a partir de aí que eu comecei a me aprofundar nessa pesquisa histórica, a partir dessas fontes, e confesso a vocês que eu não tive muita facilidade em encontrar essas fontes históricas, por quê? Porque não havia muitas pesquisas consolidadas, sistematizadas. Outra pessoa que foi muito importante também, que me indicou algumas coisas, foi a Cecília Pelegrini, do Morro do Querosene, que também já estava fazendo uma pesquisa por conta própria, sem ter exatamente uma formação nessa área de geografia, de história, é uma artista que trabalha no Morro do Querosene, mas, enfim, tem uma formação que permite acessar essas coisas. Só que, a partir do que ela me mostrou também, eu fui entendendo algumas coisas e fui tentando reconstituir esse mosaico socio histórico, territorial do Butantã, tentando fazer isso. Então como foi esse meu acesso a essas fontes? Acho que uma das coisas mais espetaculares que a gente pode achar, que a gente pode considerar hoje é exatamente esse acesso que nós temos à internet, porque a internet me possibilitou uma miríade de dados e informações que me possibilitou reconstituir o histórico da propriedade no Butantã. Então, por exemplo, acessando o Diário Oficial do estado de São Paulo desde 1920, 1910, desde essas datas, eu consegui encontrar algumas desses vestígios do que seria essa passagem de terras das famílias que viviam no Butantã, nessa região agrícola, agrária do Butantã, que na verdade era essa a realidade dessas terras no início do século 20, até o momento em que nós temos a

conversão dessas terras rurais em terras urbanas, a partir da década de 40, 50, com esse boom de loteamentos. Inclusive, é assim que eu vou nomeando esse período, então isso também é uma coisa que eu busquei fazer também na minha pesquisa, uma periodização dessa formação do Butantã a partir das informações que eu tinha, e localizando para onde foram esses loteamentos, onde eles começaram, quais foram as tramas envolvidas nesses loteamentos, quais eram as tramas pretéritas em relação aos interesses que havia quanto ao controle desses caminhos que ligavam esse planalto de Piratininga a esse oeste paulista, isso já desde o século 17, século 18, século 19., inclusive, incluindo também informações das atas da Câmara de São Paulo. Então, na verdade, foi um trabalho muito difícil de fazer, porque eu tinha a impressão de que eu era a primeira pessoa que estava fazendo isso, eu não tinha outra pessoa que tivesse feito isso antes, esse tipo de conexão. E eu imagino que a partir do que eu escrevi, eu infelizmente não acompanhei mais da forma como eu acho que eu deveria ter acompanhado quais foram as repercussões daquilo que eu estudei, quem quiser fazer alguma crítica, ver alguma coisa que não esteja correta, fazer alguma correção daqueles dados que eu encontrei, que faça, eu prefiro que seja assim, porque aí a gente consegue ter uma visão um pouco mais complexa, um pouco mais aprofundada do que seja esse grande mistério que é o Butantã, que para mim era um grande mistério. A novidade de uma região urbana inteira, que, vamos dizer assim, o que é o Butantã hoje, se a gente for pensar em termos de regionalização? Meus cacóetês da Geografia: eu vou falar de regionalização, eu falo de território, eu falo de lugar, esses conceitos que a gente mobiliza na Geografia. Mas, enfim, essa regionalização do Butantã eu posso dizer que (confundam) [00:15:30] mais ou menos com essas

terras, com esses territórios, com esses bairros, que estão localizados a oeste do Rio Pinheiros, entre o Rio Pinheiros e os limites do município de São Paulo com os municípios (inint) [00:15:47], os que fazem fronteira com o município de São Paulo. Então é engraçado isso, porque eu não sei se existe alguma outra região de São Paulo - talvez tenha, Santo Amaro, a ideia de Santo Amaro também se estende para os bairros vizinhos e que depois se tornaram distritos, se tornaram bairros autônomos, novas centralidades, mas que guardam algum parentesco inicial com Santo Amaro, eu estou falando de, por exemplo, Capão Redondo, Campo Limpo, Jardim Ângela. O Butantã tem um pouco dessas características também, por quê? Porque é uma região urbana muito recente, podemos dizer que são 60 anos de urbanização mesmo do Butantã, 50, 60 anos, e também é muito recente a sua verticalização, talvez a partir dos anos 80, quando começam os primeiros condomínios verticais do Butantã, e também já trazendo um novo estilo de vida, uma nova forma de vida para aquela região. É engraçado que o Butantã tem uma novidade histórica em relação à urbanização de São Paulo, porque é uma região muito recente, e ela não cresce somente pautada por uma expansão da urbanização precária, ou seja, parece que ela não tem uma história da urbanização tanto quanto a história da urbanização, por exemplo, de Itaquera em direção à Zona Leste, em direção, por exemplo, a Guaianases, à Cidade Tiradentes, que, no caso, vamos dizer que a Cidade Tiradentes é um exemplo típico de uma periferia precarizada produzida pela ação do estado mesmo, porque na verdade é um complexo de conjuntos habitacionais. Enfim, o Butantã nasce com uma outra qualidade, porque parece que vai congregando centralidades de diferentes matizes socioeconômicos, então é uma região que concentra tanto altos estratos sociais, em termos de renda, então

você tem uma presença não muito pequena de pessoas mais abastadas, mais ricas mesmo que vivem ali, o Sítio Butantã, por exemplo, que é um bairro mais tradicional, mas, década de 50, o que é a tradição do Butantã senão os anos 50? E também conectando-se com Vila Sônia, com aquilo que depois a gente chama genericamente de Morumbi, que é um distrito, mas que também faz parte desse território englobado pela subprefeitura do Butantã, que foi, na verdade, o recorte que eu uso na pesquisa, então, enfim, aí eu tenho também essas camadas médias, que a gente pode chamar que sejam, talvez, classes trabalhadoras consumidoras - isso também é uma discussão que eu faço, tento fazer, no caso, na minha tese sobre as classes médias, para a gente tentar entender um pouco essa composição dessas classes - e as classes mais populares também. É engraçado que eu até tive acesso a essas reportagens durante a minha pesquisa, que essa zona eleitoral do Rio Pequeno, que é a zona eleitoral - eu não lembro qual é o número - acho que é 376, reflete quase que imediatamente a média do eleitorado de São Paulo, que isso é uma coisa muito peculiar. Parece que as tendências políticas dos eleitores que estão abrangidos por essa área acabam refletindo mais ou menos essa média de São Paulo, então isso, para mim, só revela o quanto que no Butantã cabe tudo e o quanto que, no Butantã, existem tanto essas áreas mais precarizadas, essas áreas com carências imensas em todos os campos da vida, desde o campo do urbanismo até o campo do acesso aos serviços públicos e tudo mais, e também essas áreas mais abastadas, então é uma mistura de situações, então é isso que eu penso em relação ao Butantã. E é a partir de aí, é a partir desse feixe socio histórico dessa situação geográfica que eu fui tentando constituir a partir desse histórico, a partir dessa qualidade do Butantã em ter se constituído muito cedo, muito mais

como um caminho terrestre do que como um caminho ferroviário, que a chegada do metrô no Butantã proporcionou uma possibilidade de acesso a (sobrelucros) [00:20:35] a partir da renda fundiária, a partir desse trabalho com o processo de valorização que seria incrementado a partir da operação urbana consorciada à Vila Sônia. Não por um acaso, essa região foi escolhida para ser alvo de uma operação urbana, mas o nome operação urbana certamente causou espantos e causou um frisson enorme para os moradores do Butantã, mas, diga-se bem: quais moradores do Butantã? Que também, como eu digo, o Butantã é uma região que tem essa diversidade muito grande de situações socioespaciais, então o que eu percebia, participando das reuniões tanto no Educandário Dom Duarte... na verdade, quando fiz a pesquisa, eu fui participando de alguns movimentos que estavam conexos à questão da luta contra a operação urbana, isso foi um dos movimentos, um movimento que teve uma importância muito grande, é um movimento que mobilizou muita gente, embora os que estiveram envolvidos na organização deste movimento às vezes reclamassem de que a mobilização não era tão grande assim, ela parecia grande por quê? Porque tem algumas lideranças que acessam os jornais, tem algumas lideranças que acessam o CADES, por exemplo, que é o Conselho de Desenvolvimento Sustentável do município, algumas outras lideranças que acessam outros órgãos, e tem algum capital social que consegue barrar algumas coisas, então consegue chamar a atenção. Então vamos dizer que essas lideranças atuavam dessa maneira, conseguiam barrar esses movimentos, só que, ao mesmo tempo, o movimento pela paralisação ou então pelo fim da operação urbana consorciada, pelo não andamento disso, acabou, em algum momento, invadindo as pautas da Rede Butantã, sendo que a Rede Butantã é muito

anterior a esse movimento, e, junto com a Rede Butantã também existem as outras micro redes em alguns outros lugares, Rio Pequeno, Sapé, enfim. Marta Pimenta, por exemplo, foi uma das que me ajudou a fazer esse mapeamento desses movimentos, embora eu não tenha feito completamente, porque o fôlego é curto em uma tese de doutorado de quatro anos, mas havia muita coisa ali, e, ao mesmo tempo, naquele momento, lá em 2011, 12, 13, surgiu o movimento contra a rodoviária da Vila Sônia, que era um projeto megalomaníaco também da prefeitura, de fazer uma rodoviária interestadual no terminal de metrô Vila Sônia, que até hoje não terminou, então naquele tempo ainda já estava se discutindo isso e hoje, ainda, o ritmo de execução das obras é muito lento. E havia uma outra questão também, um outro movimento que era muito importante, que era o movimento de constituição de uma rede também, que eu não sei, eu infelizmente não tenho informações disso hoje, que era de uma iniciativa de um projeto de desenvolvimento sustentável para o distrito Raposo Tavares, que já é uma outra coisa, que está um pouco distante do âmbito da operação urbana. Havia alguma conexão ali entre as lutas, entre os movimentos, algumas pessoas participavam de ambas as reuniões - eu lembro, por exemplo, do Renê Costa, que era um dos que fazia parte dessa rede, que inclusive até escreveu, em 2006, uma dissertação de mestrado sobre o antigo Parque Tizo, que são os terrenos institucionais da Zona Oeste, que eram terrenos que ocupariam ali o CEAGESP, que havia o projeto de mudar o CEAGESP da Vila Leopoldina para essa região e isso acabou não se concretizando, devia ser a abertura do Rodoanel, é uma história muito longa também. Mas, enfim, na verdade, eu posso resumir que a minha pesquisa se realizou em um momento específico, no momento, claro, pessoal, evidentemente, como

estava a minha vida naquele momento - eu morava no Butantã e eu estava envolvido com essas coisas, estudando tudo isso -, o momento também do Brasil contemporâneo, porque era um momento de ascensão econômica do Brasil e de encarecimento do preço dos imóveis, do preço do metro quadrado, então isso é 2010, 11 e 12, foi o momento de boom mesmo do mercado imobiliário do Brasil. Então isso também mobilizou muita gente a ter um cuidado maior em relação à operação urbana e àquilo que ela poderia significar. Foi o momento também, 2011 e 12, de surgimento desses movimentos, em âmbito global, que a gente pode chamar de Primavera Colorida. Hoje, a gente chama com esses nomes de Primavera Colorida, vamos dizer assim, que começa na Tunísia, depois vai para a Líbia e vai para vários lugares do Oriente Médio, e depois o Occupy Wall Street, ou seja, essa questão das redes sociais, os movimentos. Isso estava em ebulição naquele tempo; hoje, a gente discute Cambridge Analítica, fake news, algo que, naquele tempo, não se discutia. Na verdade, isso de hoje é o desdobramento daquele momento. E também foi uma oportunidade de se discutir essa complexa associação entre as classes sociais dentro de um tecido sociopolítico, um tecido sócio territorial que é muito rico. O Butantã tem uma riqueza gigantesca, uma riqueza histórica que mostra de fato o que é a história de São Paulo e o que é a história do Brasil também, porque, afinal de contas, aquilo é uma terra de caminhos de bandeirantes, então tem a ver também com esse desígnio bandeirantista paulista, essa região do Butantã deve muito a isso e também deve muito à questão da relação entre o rodoviarismo e esse investimento nas vias férreas, e depois um retorno aos caminhos rodoviários. Eu falei do rodoviarismo, na verdade estou trocando as bolas, porque, na verdade, é o seguinte, o que acontece? No século 19, século

18, os caminhos eram terrestres, não havia vias férreas no Brasil, então o Butantã era importante para o tráfego dessas tropas que alcançavam o interior de São Paulo, o interior do Brasil, mas a partir do final do século 19, com as vias férreas, o Butantã não foi alcançado por isso, por essas vias férreas, então acabou ficando recanteado, mas acabou esquentando, vamos dizer assim, porque a gente trabalha com essa perspectiva dessa valorização do espaço, então o Butantã, de certo modo, essas terras do Butantã foram se preparando para um novo processo de valorização a partir dessa retomada rodoviária na segunda metade do século 20. Então é uma história que traz muitos veios sociais, políticos, econômicos, configura uma situação geográfica muito específica e que deu ensejo a movimentos que, claro, São Paulo é muito apinhado de movimentos coletivos e de formas de associação diversas, mas eu achei que, naquele momento, o Butantã estava ensinando alguma coisa para a forma como esses movimentos poderiam se organizar. De fato, foi algo espetacular, a paralisação da operação urbana, de fato. Aquela ação coletiva no Ministério Público, que ensejou essa paralisação, tanto da Rede Butantã quanto da Associação de Moradores do Parque da Previdência. Isso foi fundamental para paralisar esse processo todo e, de certo modo, acabou revelando o que é a urbanização desta região, e acabou revelando também qual seria a interação que poderíamos ter com esses movimentos, eu, enquanto morador do Butantã, enquanto universidade, estudante de doutorado. E eu posso dizer o seguinte, que foi uma pesquisa muito prazerosa, eu adorei fazer essa pesquisa, essa pesquisa mexeu muito comigo positivamente. Eu lembro que tinha dias que eu escrevia 20 páginas, em um dia só, por conta dessa relação que eu estava tendo com o Butantã, com o lugar, com aquele movimento. Eu acho que

existe algum pioneirismo no que eu fiz, não sei até que ponto eu posso dizer isso, mas há algo de pioneiro, há algo que eu não vi outras pessoas fazendo, embora as minhas amigas, a Livia Fioravante e a Marly Barros, também tenham feito muitas coisas, tenham ido atrás de outros movimentos também para fazer suas pesquisas. Eu posso dizer o seguinte, já faz seis anos que eu defendi essa tese, isso foi em setembro de 2013, eu não incorporei na minha tese, portanto, as manifestações de junho de 2013, porque eu depusitei a minha tese no dia seis de junho de 2013, que foi no primeiro dia da primeira manifestação do Movimento Passe Livre em São Paulo, então eu já não peguei esse período. Uma coisa que foi muito importante: eu posso dizer que o recorte temporal da minha tese principal é a gestão Kassab, de 2006 até 2012, então, enfim, todos os problemas daquela gestão, os problemas em relação à perspectiva do urbanismo estavam presentes na minha tese, peguei um pouquinho, na conclusão que eu falei um pouco das perspectivas em relação ao governo Haddad, que estava no começo, mas eu acho que de lá para cá a gente ingressou em um ciclo de uma crise, vamos dizer assim, fenomênica, porque eu (parti) [00:31:35] da perspectiva da crise estrutural do capital, então não vou achar que a crise é o momento em que os preços sobem e os salários diminuem, não vou dizer isso; eu digo sempre que a crise é o movimento intrínseco ao movimento do próprio capital, como totalidade social concreta. É dessa perspectiva que eu parti. Mas, de 13 para cá, aquele movimento negativo que, de alguma forma, eu tentava mapear a partir da minha pesquisa, talvez aquilo tenha se radicalizado, então, enfim, quando eu falava de classes médias em 2013, claro que eu não poderia imaginar que em 2014, 15, 16 as classes médias se organizariam em movimentos pró-impeachment da presidenta Dilma Roussef, isso a

gente não poderia prever de modo algum, mas algum gérmen daquilo existia. Então, de certo modo, ao mesmo tempo em que esses movimentos se articularam, se organizaram para buscar uma outra urbanização, uma urbanização justa, inclusiva, uma cidade que de fato atenda às necessidades da população, a reação a isso veio pesada depois, e a gente vive esse momento hoje, que é crítico. Eu também posso dizer que a minha vida, de certo modo, acabou acompanhando isso, porque depois eu defendi minha tese, eu fiz o concurso para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, passei no concurso, mudei para o Rio, 2014, e de lá para cá eu não toquei mais nesse assunto. Embora depois disso eu tenha trazido alguns alunos para fazer trabalhos de campo, em 2016, 17 e 18, alunos da Rural do Rio de Janeiro fazendo trabalhos de campo no Butantã, para retomar um pouco dessa história, mas é uma história que, de certo modo, depois disso acabou ficando um pouco perdida, ela não teve uma continuidade. Então o que eu digo é que eu não continei esta pesquisa, embora eu quisesse muito ter continuado, mas, enfim, eu acho que a gente é chamado para outras situações, e eu falo da perspectiva de pesquisador mesmo, que a pesquisa move a gente por inteiro, a gente não se dissocia completamente dos momentos, a gente está envolvido de corpo e alma em tudo que a gente está fazendo. Então por isso que, para mim, sair do Butantã ao mesmo tempo foi o encerramento de um ciclo, mas também foi algo que doeu bastante. Mas isso é uma história que a gente conta em outros momentos, se for possível.

F: (Inint) [00:34:38], eu só tenho um pouco de dúvida na hora que a Lurdinha começou a tossir muito, que você estava falando da Cecília

Pelegrini. E nesse momento que você desenvolveu a partir do nome dela, eu saí com ela, e eu não sei como é que ficou o áudio. (Inint) [00:34:54] precisa retomar? Se você lembra, (inint) [00:34:57], eu não lembro, só lembro do nome Cecília Pelegrini.

Márcio Rufino: Eu posso falar de novo da minha relação com a Cecília Pelegrini.

F: É melhor falar de novo.

F: Pode ser?

F: Acho melhor.

F: Pode. Você tem alguma coisa para perguntar?

F: Não, eu acho que a linha abrangeu tudo que a gente perguntou. E a Pelegrini é do Morro do Querosene, não é?

Márcio Rufino: Do Morro do Querosene.

F: Que ela é artista, você falava que ela era artista.

Márcio Rufino: Sim.

F: E aí a Lurdinha começou a tossir, e aí esse pedaço ficou eu acho que comprometido.

Márcio Rufino: Então eu falo de novo da Cecília Pelegrini.

F: Só a parte da Pelegrini e pronto, a gente vê se está bom (inint) [00:35:43] tudo bem, senão...

Márcio Rufino: Eu posso, então, falar da Pelegrini?

F: Está gravando?

M: Está gravando.

Márcio Rufino: Bem, então, a minha relação com a Cecília Pelegrini foi uma relação muito interessante, porque a Cecília Pelegrini foi uma das primeiras pessoas que eu entrevistei, e ela tinha uma pesquisa que ela já estava fazendo há algum tempo sobre o histórico do Parque da Fonte, e ela tinha vários dados sobre aquele terreno, sobre a família Basili e sobre alguns outros conteúdos históricos também, que eram anteriores a isso. Então, na verdade, ela foi me indicando muitas coisas a respeito dessa perspectiva histórica do Butantã e trazendo essas hipóteses do cruzamento dos caminhos, a questão da fonte por onde passavam os bandeirantes ou por onde passavam os tropeiros, no século 19, e falava também das coxias de cavalos daquela região também, ali onde tem a Escola da Vila, que fica na Vila Indiana. Ou era outro terreno? Não me lembro, enfim. Mas eu acho que foi uma fonte muito importante para mim também, a Cecília Pelegrini, tanto quanto a Maria José Querido, tanto quanto outras pessoas também que eu posso citar, que fizeram parte dessa perspectiva histórica específica.

F: (Inint) [00:37:18] uma pergunta ainda, você viu alguma coisa sobre o (inint) [00:37:22] também? (Teve) [00:37:26] alguma informação mais... porque existe uma coisa mística ali, não é?

Márcio Rufino: É, há uma mística disso, sim. Então, na verdade, eu me lembro que a Cecília chegou a organizar um evento lá no Instituto Butantã. Eu não me lembro qual foi o assunto, se foi sobre o Peabiru. Não, acho que foi sobre o histórico do Parque da Fonte. Porque, na verdade, qual era a luta? Mais uma vez, é uma luta também que eu acabei não falando, era uma luta sobre a implantação do Parque da Fonte, e que, em certo momento, isso serviu como álibi para que a prefeitura pudesse

conquistar a comunidade para que a comunidade aderisse ao projeto da operação urbana. Em uma certa audiência pública, que foi apresentada no (inint) [00:38:28] Butantã, eles incorporaram: "Olha, com a renda arrecadada pelo (CPAC) [00:38:33], nós faremos a implantação do Parque da Fonte, que é uma demanda dessa comunidade, e, enfim, então isso acabou acontecendo. Mas, voltando à questão do Peabiru, que a Cecília chegou a fazer um evento muito interessante sobre o histórico, acho que é o histórico mesmo do terreno da fonte, e foi discutida essa questão do Peabiru, mas eu, particularmente, não me aprofundei muito nisso, eu não fui muito atrás, eu só mencionei algumas coisas, porque eu achava que isso seria uma outra pesquisa, fazer esse aprofundamente, porque envolve também uma questão de arqueologia, uma questão de Brasil pré-cabralino, então acho que eu nem teria tantos elementos assim para tratar disso no Butantã. Então é uma pesquisa que está aí para ser feita, tem muita coisa para ser descoberta no Butantã.

F: E tem uma coisa, você como geógrafo, eu acho que você falou dos caminhos, as trilhas, cavalos, pessoas etc., e o rios, você também incorporou os rios?

Márcio Rufino: Na verdade, é o seguinte, na minha pesquisa os rios... eu não fiz uma análise muito detida do fluxo hidrográfico, por exemplo, das cheias e das vazantes dos rios. Se bem que eu tratei os rios na perspectiva do uso deles, isso eu falei, ou então, tanto na questão da intercorrência dos caminhos terrestres com os rios, então seja na questão de evitar as áreas mais baixas dos caminhos, a sinuosidade deles. Porque, no Butantã, o que acontece? Os caminhos terrestres se cruzam com os rios ainda hoje. Como é a rede hídrica do Butantã basicamente? Nós temos o Rio Pinheiros

como principal tributário dessa bacia hidrográfica que está aqui no Butantã e os seus principais afluentes são o Ribeirão Pirajussara e o Ribeirão Jaguaré. Inclusive, é engraçado, porque Jaguaré é um bairro, claro, também recente, tanto quanto todo o resto do Butantã, que veio de um projeto de industrialização, um projeto privado que depois foi se convertendo no bairro, e, na verdade, foi consolidando a mudança de lugar do que era o Jaguaré, porque, na verdade, a região do Jaguaré não era na parte baixa do ribeirão, era na parte alta, e isso aí depois que foi mudando para aquela parte ali, que ficava vizinho ao Água Podre, que inclusive é um outro córrego também que é afluente do Jaguaré, se eu não me engano. Enfim, só sei que esses rios, esses dois ribeirões, que a gente chama de ribeirão, Ribeirão Pirajussara e Ribeirão Jaguaré, têm uma história muito íntima com o Butantã, por quê? Por conta da questão da intercorrência com os caminhos, por conta da questão do uso cotidiano desses rios, certamente. Eu não falei muito de pescaria nem nada disso, (inint) [00:41:50] nesse Butantã agrícola, esse Butantã pré-urbano, mas a urbanização do Butantã, de fato, escondeu esses rios, poluiu e escondeu os rios. Então é muito conhecida, por exemplo, a Avenida Eliseu de Almeida, que tamponou o rio durante esse curso baixo do Bairro do Ferreira até a foz, aqui na cidade universitária, e também é muito conhecido o ciclo de enchentes também desses rios em relação à vida social dessas regiões por onde esses rios passam, mas é interessante também ver o seguinte, que, de certo modo, até mesmo a urbanização vai acompanhando, de certo modo, esses ditames do terreno do Butantã, porque esses rios são paralelos entre si e os seus afluentes também são paralelos, porque também tem a ver com esse sítio urbano que vem dessa compartimentação geomorfológica desse terreno de dobramentos antigos

etc., então os rios vão se encaixando nisso e vão (conformando) [00:43:12] esse ambiente, e vão também, de certo modo, condicionando essa forma de urbanização e todo o histórico dessa urbanização. Então por isso que, claro, os rios também são muito importantes. Inclusive, eu também fiz um mapeamento dos rios, dessa confluência da rede hídrica com a rede dos caminhos terrestres no Butantã em tempos diferentes.

[00:43:42]



audiotext

Audiotext Serviços e Cia. LTDA

CNPJ: 17.429.373/0001-85

(41) 3363-3220

falecom@audiotext.com.br

audiotext.com.br